

Viação medieval na região setentrional do concelho de Lousada. Parte II - O caminho da Ermida



O Caminho da Ermida, assim designado pelo facto do seu início, em terras de Lustosa, coincidir com o lugar da Ermida, na raia com Santo Estêvão de Barrozas, é uma das vias cuja origem nos remete para os primórdios da Baixa Idade Média. Articulando dados documentais com elementos toponímicos e vestígios arqueológicos, o traçado do Caminho da Ermida corresponde ao troço intermédio do eixo viário de carácter regional que fazia a ligação entre o vale do Vizela, a norte, e o vale do Sousa, a sul, ligando as principais vias regionais, nomeadamente o caminho que ligava Guimarães a Penafiel e o caminho que, provindo do Porto, seguia para Amarante.

Texto e Fotografia

Manuel Nunes
Arqueólogo
manuel.nunes@cm-lousada.pt

Paulo Lemos
Arqueólogo
paplemos@gmail.com



Figura 1 Traçado do caminho da Ermida (LUS111) na freguesia de Lustosa (ponto central: 41°19'55.4"/08°19'17.6"). Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folhas n.ºs 98 e 99.

Na sequência de um primeiro artigo dedicado à viação medieval da região setentrional do concelho de Lousada (Nunes e Lemos, 2024:27-31), conclui-se, com este texto, o estudo dos caminhos medievais da região de Lustosa, cuja utilização se perpetuou até hoje na memória da comunidade, apesar da paulatina obliteração de partes do traçado por conta de ações infraestruturais de vária ordem, nem sempre adequadas à realidade histórico-arquelógica deste património.

O Caminho da Ermida (Nunes e Lemos, 2013:68-69), assim designado pelo facto do seu início, em terras de Lustosa, coincidir com o lugar da Ermida, onde o Abade de Tagilde localiza a *Heremita sancto uerissimo* que, segundo o autor, já em 1908 subsistia arruinada no extremo de Barrosas (Guimarães, 1908:54), é uma via cuja origem remonta, pelo menos, à Idade Média. Esta asserção resulta da conjugação de diversos elementos, tanto arqueológicos, como documentais. Desde logo, importa reter o teor do documento CCCCXX, do Livro de Mumadona (1059), coligido na obra *Diplomata et Chartae*, e ao qual se refere o Abade de Tagilde. Neste documento pode ler-se que: (...) *Aqua leuada rouordelo integro et ecclesia integre sancto martino et medietate de ecclesia sancto stephano et medietate de ecclesia sancti filippi apostoli et sancta eolalia de barrosas integra cum sua dadiua et ecclesia sancto mamete integra et heremita sancto uerissimo cum suas adiuntiones ab integro. hanc villa sala et adiuntiones et ecclesias desuper nominatas cum*



Figura 2 Troço do caminho da Ermida a montante da encosta da Refontoura, entre Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas.



Figura 3 Troço do caminho da Ermida sobranceiro ao vale do rio de Porto (Lustosa).

cunctis prestationibus suis et per suis terminis et locis antiquis illa sicut in testamentis et in scripturas et placitis conligatas sunt (PMH, Dipl.1059:260). Da interpretação do documento parece clara a localização, tanto do templo, como do atual topónimo Ermida. Por outro lado, também é clara a associação do templo à *ecclesia sancto stephano*, bem como a diversos núcleos de povoamento (*villae*) antigos, sugerindo a existência de uma paróquia, ou *villa-ecclesia* (Almeida, 1986:116) nos limites da qual se situaria a dita ermida e, por inerência, o caminho que a servia. De facto, sabendo-se que os caminhos medievais eram frequentemente empurrados para as confrontações entre paróquias (Almeida, 1968:54), parece evidente, neste caso, fazer coincidir o traçado inicial do caminho da Ermida, com a raia que, a partir da Quinta da Ermida, entre São Tiago de Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas, seguia a orientação definida pelo Cruzeiro da Ermida (EST72) (Nunes e Lemos, 2016:23) e pelo valado da Chã da Ermida, elementos que, ainda hoje perpetuam, a par do referido caminho, os limites antigos entre as duas freguesias. O caminho da Ermida corresponde ao troço intermédio do eixo viário de carácter regional que fazia a ligação entre o vale do Vizela, a norte, e o vale do Sousa, a sul, entroncando a norte na via medieval que ligava Guimarães a Penafiel (Almeida, 1968:189-190) e a sul, na via que, provindo do Porto, seguia para Amarante (Almeida, 1968:173-175). O seu percurso na freguesia de Lustosa tem um total de 4,173 km de extensão, com uma orientação sul-norte, na generalidade do seu traçado, ostentando uma direção

divergente nos seus troços terminais: SO-NE no limite sul e SE-NO no limite norte.

Como o caminho se depara com terrenos montanhosos, estes foram transpostos, genericamente, pela encosta mais acessível, pela vertente mais soalheira, pelas pendentes mais suaves e evitando sempre que possível os cursos de água, pese embora o traçado incluía uma passagem sobre o rio de Porto na Ponte de Requeixos (LUS29) (Nunes e Lemos, 2023a:27-31). Foram escolhidos os traçados com pendentes adequadas para o tráfego da roda. Esta pendente máxima, que atualmente se recomenda que seja na ordem dos 6% a 8%, é a que se pode observar na grande maioria dos troços deste caminho que, no seu conjunto apresenta um declive médio de 6,8%. Outra característica, no que ao traçado da planta do caminho se refere, é o afastamento das escorrências ou das zonas mal drenadas no inverno, evitando deste modo as zonas alagadiças ou traçados paralelos a rios nas áreas inundáveis. Em alguns dos troços mais bem conservados deste caminho verifica-se a presença de muros a ladear o traçado, tendo-se limitado os seus construtores a regularizar o terreno natural, onde o mesmo oferecia garantias suficientes de consistência, nomeadamente nas rochas mais sólidas e especialmente sobre os terrenos virgens, repousando o leito do caminho diretamente na rocha natural. Ainda hoje, 67% do caminho (2,798 km) se desenvolve diretamente sobre o solo natural. Apenas num dos troços foram identificados sinais de lajeado, designadamente na Calçada de Requeixos¹ (LUS28),

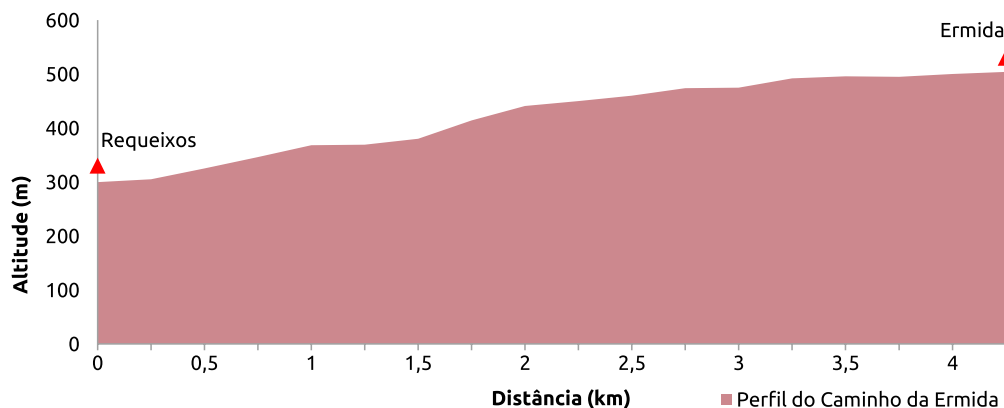


Gráfico 1
Perfil altimétrico do
caminho da Ermida.

¹Esta calçada, hoje parcialmente coberta pelo aterro resultante da abertura de uma estrada (Nunes et al, 2008:136), foi construída neste local, não apenas pelo pendor acentuado que se regista de um e outro lado do curso de água, mas também pelo facto de se tratar de uma zona sujeita a inundações periódicas, o que favorece o seu enlamear dificultando a movimentação dos veículos devido às naturais dificuldades de tração. Este pequeno setor lajeado desenvolve-se ao longo da margem direita do rio de Porto, a partir da Ponte de Requeixos (Nunes e Lemos, 2013:68-69).



Figura 4 Caminho da Ermida na Ponte de Requeixos (LUS29).

dando origem a um segundo percurso, com cerca de 2,236 km, cujo propósito era a serventia da carreira de moinhos de água que se perfilavam de ambas as margens do rio de Porto, um rio com forte tradição moageira². Este caminho, que desembocava novamente no caminho da Ermida, junto à Refontoura, depois de ter passado pelo rio de Porto e Caniços e transpostas a Ponte da Cachadinha 1 (LUS108) e a Ponte de Caniços (LUS100) (Nunes e Lemos, 2023a:27-31), mantém algumas das características do caminho principal, encontrando-se relativamente

com uma extensão aproximada de 12 metros e 3 metros de largura, composta por pedras de granito de médias a grandes dimensões, assentes diretamente sobre o terreno natural e com evidentes marcas de desgaste pelo intenso trânsito. Importa referir que cerca de 33% (1,372 km) deste caminho na freguesia de Lustosa se encontra atualmente sob estradas asfaltadas, o que contribuiu para a alteração das suas características primevas.

Partindo da Ermida, o caminho percorria o topo da encosta nascente, sobranceira ao vale do rio de Porto, em direção à Refontoura. Porém, no início da descida, ao km 0,553, o caminho bifurcava-se

bem conservado, mantendo pequenos troços de lajeado (ex. lugar de Caniços) bem como consideráveis extensões de muros de delimitação que os acompanham. A partir da Refontoura, o caminho principal dirigia-se a São Mamede, cujo cabeço era contornado a poente, percorrendo as cercanias da capela medieval de São Mamede (LUS106) (PMH, *Dipl.*1059:260; Nunes e Lemos, 2013:84) e do casal romano de São Mamede



Figura 5 Troço do caminho da Ermida em Caniços, próximo de Quinta de rio de Porto (Lustosa).

²No percurso do rio de Porto em Lustosa, designadamente na freguesia de Lustosa, foram identificados 19 moinhos de água (Nunes e Lemos, 2021:161), muitos laborando em sucessão.

(LUS173) (Nunes e Lemos, 2013:47). Daqui o caminho orientava-se ao lugar do Franco, descia da Calçada de Requeixos até à Ponte de Requeixos (Nunes e Lemos, 2013:66, 116), onde persiste o topónimo Poldras, subindo depois até ao Cruzeiro de Requeixos (LUS55) (Nunes e Lemos, 2023b:27-31), no limite entre as freguesias de Lustosa e Santa Eulália de Barrosas.

Recorde-se que, embora as causas que levaram à colocação dos cruzeiros sejam múltiplas, a sua localização coincide, geralmente, com cruzamentos de caminhos e sítios de maior passagem, percorridos desde, pelo menos, a Idade Média. A partir de Requeixos o caminho bifurca-se, encontrando-se ambos os troços, já em terras de Santa Eulália de Barrosas, bem vinculados do ponto de vista toponímico e topográfico. O primeiro troço, que entronca diretamente na estrada Guimarães-Penafiel, desagua no lugar de Portelas, próximo do lugar da Ponte Velha sobre o rio Vizela, percorrendo, até lá, os lugares da Torre, Quintela, Porta e Venda. O segundo, que se dirige para a Ponte Velha na Azenha da Portela, cerca de 2 quilómetros a montante da povoação de São Miguel de Vizela, segue pelos lugares de Carreiro, Carreira, Pousada e Castro Velho, decalcando parte das atuais estradas 207-1, 101-3 e 512. Para sul, partindo no alto da Ermida, o caminho seguia para as encostas do Monte Telégrafo ou Monte Calvelo (*mons* Calvelo segundo PMH, Dipl.1059:257), atravessando a parte alta da freguesia de Santa Eulália da Ordem e depois a de Silvares para se encaminhar em direção ao vale do Sousa.



Figura 6 Cruzeiro de Requeixos (LUS55).

Bibliografia

- Almeida, C.A.F. (1968). *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para a Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. (Policopiado).
- Almeida, C.A.F. (1986). A paróquia e o seu território. *Cadernos do Noroeste*. I. Braga: Universidade do Minho, p.113-130.
- PMH_ *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*. (1059). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1868.
- Nunes, M.; Sousa, L. e Gonçalves, C. (2008). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2013). *Lustosa, património e identidade*. Lustosa, Lousada.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2016). Inventário dos cruzeiros da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada). Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 17. N.º 147. Lousada: CML, pp. 21-25.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2021). Moinhos de Água do Concelho de Lousada: dez anos do Projeto MUNHOS. In: M. Nunes, ed., 2021. *Moinhos de Água, Paisagem, Território e Património*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 134-251.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2023a). Estruturas pontísticas da freguesia de Lustosa (Lousada). Contributos para o seu inventário. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 24. N.º 229. Lousada: CML, pp. 27-31.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2023b). Os cruzeiros da freguesia de Lustosa (Lousada): do que era o que ficou. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 24. N.º 230. Lousada: CML, pp. 27-31.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2024). Viação medieval na região setentrional do concelho de Lousada. Parte I - O Caminho da Agrela. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 25. N.º 236. Lousada: CML, pp. 27-31.